

O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea

Silvana da Silveira Campos
Francisco Romão Ferreira
Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho
Fabiana Bom Kraemer
Cristiane Marques Seixas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMPOS, SS., *et al.* O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea. In: PRADO, SD., *et al.* orgs. *Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede*. [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016. Sabor metrópole series, vol. 5, pp. 231-249. ISBN: 978-85-7511-456-8. Available from: doi: [10.7476/9788575114568](https://doi.org/10.7476/9788575114568). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/37nz2/epub/prado-9788575114568.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea^{1,2}

Silvana da Silveira Campos

Francisco Romão Ferreira

Maria Claudia da Veiga Soares Carvalho

Fabiana Bom Kraemer

Cristiane Marques Seixas

Introdução

O objetivo principal deste estudo foi identificar os sentidos e significados produzidos acerca do corpo feminino, quando considerado gordo, na sociedade atual. Essa escolha se deu em função da grande exposição dos corpos e da cobrança constante por uma forma física “magra e perfeita” em nossa sociedade. Consideramos também que o corpo feminino é muito mais cobrado pela adesão à norma médica e ao padrão socialmente estabelecido de juventude, magreza e beleza. Nesse contexto, ter um corpo gordo ou acima do peso considerado ideal pode gerar estigma, desvalorização e preconceito. Para tratar dos sentidos atribuídos ao corpo na atualidade, vamos recorrer à história, principalmente a partir do trabalho de Georges Vigarello sobre

¹ Este texto foi escrito a partir da dissertação de mestrado intitulada “Gordinha da Silva: sentidos e significados da gordura no ambiente dos blogs”, concluída em 2015, por Silvana da Silveira Campos, no Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde e no âmbito do Núcleo de Estudos em Alimentação e Cultura (NECTAR) do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

² O estudo foi desenvolvido com o apoio, em forma de bolsa, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

obesidade, a fim de perceber como o corpo foi visto em outros momentos e, desse modo, nos ajudar a entender os valores atribuídos ao corpo na sociedade atual.

Práticas que parecem, de início, antagonicas são correntes nos dias atuais: de um lado, comportamento de restrição radical a determinados alimentos e preocupação obsessiva por um corpo magro, sem qualquer vestígio de gordura (anorexia); de outro, dificuldade no controle do apetite e busca por “receitas” para diminuição de peso e gordura corporal (obesidade). Na verdade, um antagonismo apenas aparente: em ambas as situações, o que se busca é o corpo “perfeito”, mais magro, um corpo que não deve ser gordo.

Uma das autoras deste trabalho tem observado, na prática clínica, que, em muitos casos, a relação com o corpo – mesmo sob um tratamento multidisciplinar (psicologia, nutrição, psiquiatria, medicina, educação física, entre outras) – apresenta-se bastante conflituosa. Tal conflito é reconhecido, do ponto de vista clínico, como distúrbio de imagem corporal, uma forma distorcida de perceber o corpo. Esse conflito é comum entre as mulheres, principalmente as jovens, mas está presente em diferentes faixas etárias.

Registre-se também que a formação tradicional para tratar as questões de distúrbio de imagem corporal, baseada num olhar apenas biomédico, é insuficiente. A formação em Nutrição não prepara o profissional para lidar com questões ligadas à subjetividade, à cultura ou às normas sociais que são produzidas pelo pensamento biomédico e reproduzidas sem crítica pelo senso comum. Muitos profissionais reproduzem o padrão social vigente, que associa magreza, beleza e saúde: um corpo saudável é um corpo magro e, ao contrário, o corpo gordo ou com sobrepeso é sempre associado à doença, à obesidade ou a complicações de saúde decorrentes da “gordura”.

A construção da imagem do corpo gordo no meio social

Alvarenga (2011) afirma que o entendimento do constructo de imagem do corpo ultrapassa os muros da biomedicina: sofre influência também do meio cultural e de aspectos subjetivos que estão colocados no social. Cabe ressaltar que o saber médico não é neutro, e os sentidos produzidos pelos discursos da ordem médica também atendem a interesses nem sempre ingênuos. Ao produzir discursos e saberes sobre a obesidade, a Medicina constrói sentidos médicos, científicos e sociais. Seu campo de atuação não se restringe ao

domínio das ciências da saúde, extrapolando e disseminando seu saber para outros campos além de sua especialidade. Segundo Madel Luz,

a razão médica moderna expõe, na ordem da racionalidade científica, objetos de discursos que são de fato sociais. Tematiza, portanto, o social. É disciplina do social, disciplinadora de relações que são quase sempre sociais. As relações dos indivíduos e dos grupos sociais com seu corpo, seu sofrer, seu adoecer, sua morte, e com o corpo, o sofrimento, o adoecimento e a morte dos outros são relações sociais (2004, p. 31).

Nesse sentido, a Medicina não apenas age em seu campo específico, como também produz conceitos e parâmetros que serão incorporados por todo o corpo social, interferindo no cotidiano e produzindo normas que modelam a própria vida social. Ainda segundo Luz,

a ciência moderna é mais que uma forma de desvendamento do mundo. Ela é, sobretudo, uma forma de “ordenação” do mundo. Trata-se, é verdade, também de decodificações de significados, mas principalmente de atribuição de ordens de sentidos, através da prática sistemática de um conjunto de operações, a serem seguidos na ordem lógica e na prática dos gestos, e que constituem o método [...] Em outras palavras: é um regime específico de produção de enunciados de verdade, no qual as regras da produção são mais importantes em última instância que sua “veracidade” enquanto tal (2004, p. 59).

A produção de sentidos acerca do corpo gordo, portanto, está diretamente ligada à ordem médica e disseminada pelo senso comum como algo natural e cientificamente comprovado, verdadeiro, não cabendo sequer problematizar a questão. As distorções da imagem corporal, da mesma forma, incorporam elementos do discurso biomédico que se propagam e se naturalizam no cotidiano, são vividas como atributos individuais e reproduzidas pelos próprios sujeitos como defeitos pessoais, embora sejam fenômenos culturais, subjetivos e construídos no meio social.

Fazendo um rápido passeio pelo cenário contemporâneo, do apogeu do mercado, da sociedade de consumo, na qual a indústria do produto reina e vende imagens de sucesso e saúde associadas a corpos livres de gordura, belos, magros, padronizados, manipulados, produzidos e transformados, po-

demos perceber que as questões que envolvem os distúrbios de imagem são mais comuns do que aparentam ser. A pessoa gorda, principalmente do sexo feminino, parece ser o alvo principal dessa ditadura de magreza.

Além disso, o senso comum, informado e influenciado por um discurso biomédico que valoriza a estetização da saúde, identifica todo corpo gordo como obeso, doente ou anormal, quase como um crime de ordem moral. Nesse processo de classificar, ele acaba por reforçar padrões de corpo, criar estigmas sobre o gordo, os quais, na maioria das vezes, pesam e prejudicam mais que a própria gordura. Nesse sentido, longe de vitimizar o gordo, de desmerecer o conhecimento científico a respeito da obesidade ou de não reconhecê-la também como um fenômeno complexo, queremos chamar a atenção para o fato de que as questões relativas a conflitos de imagem corporal, estigmas, entre outros, sinalizam para a necessidade de busca por outras formas de compreensão dos processos de construção de sentidos acerca de um corpo, que, neste trabalho, seria aquele que é gordo. Além disso, é necessário considerar um contexto no qual, pelos padrões vigentes, boa parte da população estaria acima do peso e, por isso, deveria praticar dieta restritiva.

Mas o ato de comer é uma necessidade biológica primária que carrega influências da cultura, do meio social, do ambiente familiar, da história de vida, das memórias, dos vínculos afetivos e do perfil psicológico do sujeito. O que se come, o local em que se come, a forma como se come, com quem se come, em que condições ou a qualidade do que se come, tudo isso é influenciado pelo lugar social do sujeito em sua relação com o mundo (Fischler, 2001). O ato de comer, portanto, está em estreita relação com a dimensão biológica (para suprir as necessidades básicas), com a dimensão social e cultural (ao definir o que o sujeito pode ou não comer) e com a dimensão psíquica (porque o alimento também está ligado às escolhas afetivas e emocionais).

Além de ser um agregado de nutrientes, a comida comporta um conjunto de sentidos e assume diferentes significados que orientam ações e relações sociais. Ao comer, o sujeito revela seu lugar social, seus modos de pensar, sentir e agir, sua inscrição no mundo e seus juízos de valor, portanto, ao comer ou não comer algo, o sujeito constrói e revela sua identidade (Gracia e Contreras, 2011). Numa sociedade pautada pelos códigos do consumo, a comida, então, transforma-se em modo de distinção social (Bourdieu, 2008), objeto de desejo pela moda, meio de ascensão na hierarquia social (Bourdieu, 2004), enfim, um capital simbólico que organiza e compõe o papel social que o sujeito quer representar no mundo.

Comer ou não comer algo define um lugar na hierarquia social, revela uma estrutura psíquica e gera riscos e consequências para o futuro, como, por exemplo, a obesidade, que é uma questão objetiva que se impõe aos estudos sobre a alimentação e nutrição e, independentemente do gênero, precisa ser enfrentada. O problema da obesidade ultrapassa os limites do campo das ciências da saúde ou do saber nutricional, transformando-se também em um problema político, ideológico e econômico. Nessa perspectiva, os profissionais de saúde desempenham papel fundamental nessa discussão, cuja possibilidade de compreensão ultrapassa largamente o campo das ciências médicas. É preciso expandir o âmbito da discussão incorporando saberes de outras áreas que nos possam ajudar a perceber os diferentes elementos que fazem parte do problema para tentarmos encontrar meios de enfrentá-lo.

É preciso também compreender os diferentes sentidos atribuídos à gordura no passado para entender os sentidos atualmente construídos e perceber como eles se articulam com uma rede de outros sentidos que produzem estigmatização e moralização da gordura na sociedade contemporânea.

A seguir, tomaremos como referência o trabalho de Georges Vigarello, *As metamorfoses do gordo: história da obesidade*. A perspectiva histórica possibilitou a visualização de que cada tempo construiu e ressignificou sua própria gordura. Utilizamos também o conceito de estigma apresentado por Erving Goffman (1988) para apontar a crescente responsabilização e culpabilização do indivíduo, assim como algumas implicações sociais, políticas e econômicas desse fenômeno.

A percepção do corpo gordo na história

Os modos de dar sentido ou significado, de nomear ou representar o corpo, são construções socioculturais que estão constantemente sofrendo transformação. Talvez por isso, muitas vezes não podem ser compreendidos sem a devida contextualização temporal e espacial. Neste estudo, pretende-se entender um pouco mais sobre os sentidos, significados e representações construídos no universo do indivíduo gordo do início do século XXI.

A fim de tentar situar a gordura em outros contextos, Vigarello fez um recorte histórico da gordura na sociedade ocidental desde a Idade Média até o século XX. Nessa obra, buscamos, especificamente, destacar elementos centrais que influenciaram a sociedade, assim como os veículos de propagação de

regras nos diferentes períodos históricos. Além disso, tratamos de evidenciar a linguagem, as palavras e metáforas empregadas em outros momentos sócio-históricos. Gordo, corpo gordo, gordura, obeso são termos que integram o repertório utilizado para falarmos desse misturado espaço de sentidos. O despreendimento de uma só nomenclatura talvez seja um caminho interessante para aproveitarmos melhor esse universo de conhecimento.

O corpo gordo como um signo de força e poder no mundo medieval

No contexto medieval, três elementos da sociedade tiveram influência sobre as regras e os costumes da sociedade: a igreja, a sociedade médica e a corte. Cartas e documentos históricos, poesias, os sermões, as preces e os tratados médicos foram os veículos por meio dos quais se reforçavam os ideais de saúde e corpo da época. Os modelos de corpo se baseavam nos guerreiros, nas virgens, nos cavaleiros, nas donzelas e nas figuras da corte.

Segundo Vigarello, o universo medieval sofreu cerca de 1.300 crises de abastecimento decorrentes do esgotamento dos solos, da falta de armazenamento adequado e da lentidão e da precariedade no transporte de alimentos. O resultado disso foi fome por todo lado. O imaginário social, então, idealizava o abastecimento de alimentos e, como símbolos de um mundo maravilhoso, os “países da fartura” eram descritos como paraísos na face da Terra, repletos de especiarias, carnes gordas, pão branco, além de vinho e cerveja. Era o predomínio do acúmulo. Ter saúde significava ter a barriga cheia. Nesse contexto, em contrapartida à fome e à escassez de alimentos, o gordo tinha prestígio e se impunha. Tinha o poder de seduzir e impressionar. Sugería também abundância, riqueza e saúde. Para o autor, as narrativas do início da Idade Média atribuem adjetivos qualitativos à condição gorda da mulher como “gorda, branca e tenra” ou “gorda, tenra e bela”. Vigarello chama a atenção, no entanto, para que essas palavras atribuídas à gordura feminina sejam lidas com prudência. Elas indicariam, talvez, bem mais ausência de magreza que propriamente corpulência. Gorda poderia ser no sentido de “cheia”, não exatamente “gorda”, o que já mostraria uma ambiguidade dos termos, senão um juízo de valor.

Outra gordura também parecia coexistir naquele momento: a dos viajantes medievais, de corpos imensos e de apetite desenfreado. Aos homens de Zanzibar, evocados por Marco Polo no século XII como homens “grandes e

gordos”, mais “gordos que grandes”, atribuíam-se força desmedida, resistência em combate e capacidade de cada um suportar “a carga de outros quatro homens”. Força e resistência seriam associações mais próximas. A questão da quantidade tinha tanta importância quanto a força. O gesto do glutão ultrapassava a gulodice.

O sentido da aparência maciça dos glutões medievais também tinha um aspecto particular. Naquele contexto histórico, o gordo não era alvo de insultos e ofensas, algo que raramente ocorreria em outros momentos da história. Havia, sim, um sentido pejorativo ao se referirem à animalidade do glutão, à gula; porém, mesmo nesse caso, as palavras teriam um sentido mais relacionado ao excesso de desejo que à aparência física ou ao peso. A voz da Igreja, antes confinada aos mosteiros e aos claustros, começou a ter força na sociedade nos séculos centrais da Idade Média. Culpa e rejeição aos contornos corporais volumosos e ao vício e contenção dos excessos faziam parte dos textos das preces e dos sermões, indo contra a cultura dos abundantes festins. Não era a estética que estava no centro do debate do momento, mas a moralização do vício e do pecado.

Naquele momento social, transgredir era sinônimo, antes de qualquer outra coisa, de ardor e empolgação, segundo o autor. A gordura era, acima de tudo, paixão. Falava-se de corpos nutridos voluptuosamente e por demais como uma situação de perdição, de falta de rumo. A culpa predominava nos discursos. Nesse período, além da figura clerical, a cultura médica também começou a se afirmar. As recomendações médicas, antes reservadas à nobreza, cercada de conselheiros, ganharam popularidade e se generalizaram para um público mais instruído. Vigarello aponta ainda que havia certa dificuldade e ambiguidade na tentativa de definir as nuances acerca do gordo, inclusive o discernimento do que seria gordura ou carne, o que resultou na exclusão de todo um grupo de gordos. O gordo “médio” era inexistente nas imagens e palavras.

Ainda nos períodos centrais da Idade Média, as cortes seriam outra forte influência sobre a cultura daquela sociedade. De forma geral, estariam mais comprometidas com os elementos de sociabilidade: danças, maneiras à mesa, aparência e comportamento. A aparência mais refinada era cada vez mais valorizada. O corpo feminino era descrito como mais vulnerável, mais esbelto e, ao mesmo tempo, mais carnudo. Uma mistura entre a finura e a carne mais tenra, entre a delicadeza e a fartura. A “cintura fina” e os “seios firmes e pequenos” eram os modelos de corpos de personagens dos poemas

do século XIII. A figura do lanceiro e do cavaleiro exigia habilidade e precisão, também associadas à finura e à leveza do corpo. Força e leveza criavam associações com corpulência e finura.

Formas leves e contidas

O Renascimento foi um período de grandes transformações científicas, culturais e sociais. O universo da gordura também se transformou. Surgiram outros discursos sobre o gordo, bem como indícios de estigma sobre o corpo gordo, relatos sobre percepção da autoimagem, os regimes e as balanças. Nesse novo contexto sociocultural, a gordura corporal passou a ser sinônimo de lerdeza. O aumento de peso era visto como um “atraso”, uma dificuldade de adaptação ao novo ritmo do mundo. A palavra de ordem era “eficácia”, e a preguiça tornou-se uma espécie de peste do pensamento humano. O apático era o indesejado.

Num recenseamento datado de 1560, por exemplo, uma pessoa qualificada de “pesada e grossa” era assim designada tanto por seu aspecto físico quanto por sua “grosseria”. Cria-se a crescente associação entre preguiça e gordura, peso e lentidão. A corte do período do Renascimento valorizava as “boas maneiras”, as normas de etiqueta, o cultivo à aparência. Impunha corpos mais flexíveis, reforçava o papel da aparência onde antes havia uma arte mais guerreira. O cortesão não é mais o cavaleiro. As novas tendências falavam de corpos finos e de boa aparência. O modelo de esbelteza e magreza se impunha. A palavra “leve” tinha destaque.

Na literatura, nos discursos ou nas imagens religiosas da época, há vários exemplos denegrindo a gordura: uma iconografia católica do século XVI apresenta Lutero esmagando suas bíblias sob uma enorme barriga; outra iconografia, protestante, tem o papa “inflado” até o nível do grotesco por um Satã também balofo. Definitivamente, o gordo parecia representar algo negativo.

A partir do século XVI, surge uma curiosidade maior pelas formas mais maciças. O interesse era pelos “mais gordos”. Segundo Vigarello, opera-se aí, no entanto, um trabalho de linguagem. Numa tentativa de definição, novos termos também surgiram: “roliça”, para designar uma forma redonda “natural”; “gordinho” e “gordote”, com uma intenção diminutiva; “gorducho”, como referência a um molenga; “ventripotente”, para referenciar um barrigudo; “encorpado”, utilizado para designar nem gordo demais nem magro demais; “gordão”, “barrigudo” e “pançudo” são acrescentados num dicio-

nário do século XVII, numa tentativa de sugerir os graus de gordura com as palavras, ainda que sem a utilização de números. Contudo, mesmo com essas novas palavras e termos relacionados ao gordo, isso não implicava melhor conhecimento sobre a gordura. Permaneceram muitas confusões, fazia-se ainda a relação entre abundância de gordura e de sangue, de fleuma e de humores. Sangue e gordura, distintos nas palavras, seriam várias vezes confundidos nos fatos. A gordura ainda era uma matéria bem obscura na medicina clássica. Os “cuidados” com o gordo, porém, se acentuaram. O momento era de valorização dos regimes e de contenção das carnes por meio do uso de cintas e de corpetes. A regra era bem específica: tratava-se de exercer uma constrição física direta para melhor “moldar” as formas e linhas, esperando que se adequassem aos volumes impostos.

Os procedimentos de contenção de partes do corpo foram diversos. Jean Liébault, por exemplo, propôs, no fim do século XVI, um aparelho para evitar o aumento dos seios das mulheres durante e após a gestação. Vigarello descreve esse aparelho como uma lâmina de aço suspensa do pescoço que suportaria os seios, enquanto dois “pedaços de cortiça” sob as axilas exerceriam pressão lateral. O aparelho pretendia, de alguma forma, esculpir formas e anatomias. O desenvolvimento da gordura seria, a partir de então, concretamente impedido ou corrigido pela rigidez das placas de aço. Todavia, não há relatos sobre o uso regular de tal dispositivo nem de sua extensão social; porém, o livro de Liébault, que continha essas informações, teve várias edições e foi amplamente difundido. Além disso, a invenção do espartilho seria uma continuação desses dispositivos.

Num relato do fim do século XVI, a rainha Margarida de Navarra mandava colocar folhas de flandres de ambos os lados do corpo para conter as carnes. A rainha recorrera às chapas, já que se tornara “horripelmente gorda”. Essa prática era bem comum entre as mulheres de maior posição: todas buscavam uma cintura fina. Os espartilhos mais comuns utilizavam lâminas ou barbas de baleia perpassadas na trama do tecido, placas rijas “espetadas” em seu interior – daí a expressão “corpinho espetado”.

O uso do dispositivo ampliou-se no século XVII, assim como o mundo das costuras e dos costureiros de corpetes. Havia regras de fabricação bem precisas para prevenir qualquer escapamento abdominal. Apertar era fundamental na época. Era a barriga que se queria “segurar”. Enfim, a gordura teria encontrado recursos, e a modelagem, seus instrumentos. Os regimes e

as práticas de emagrecimento, citados com frequência nas cartas, nos rituais e nos relatos, eram socialmente prestigiados. Contudo, não eram recomendações feitas por médicos. Além disso, não visavam à diminuição de peso, mas à necessidade de contenção. Uma redução alimentar com o objetivo de evitar enfermidades que uma vida desordenada podia provocar.

De acordo com Vigarello, no começo do século XVII um médico veneziano viria a lançar uma cadeira-balança. Um instrumento científico monumental que tinha por objetivo verificar as perdas e os ganhos do corpo pelo período de um dia. O cálculo, no entanto, não visava à magreza ou à gordura de volumes, mas a descobrir as perdas temporárias de peso produzidas pelo suor transpirado. O líquido era importante. Apesar da presença inédita de uma balança, ela não estava a serviço da silhueta. Não se falava em perda de gordura, nem em aparência ou linha do corpo.

Olhares quantitativos

O Iluminismo foi um período de abertura em várias áreas de conhecimento. O olhar sobre a gordura se diversificou. A percepção para os detalhes, para as variações de peso e níveis de gordura, também se ampliaram. Foi o período do microscópio e, antes de tudo, de uma visão inédita sobre o substrato orgânico. O olhar quantitativo ocupou lugar de destaque e a balança ganhou importância. A apreciação dos contornos mudou. Surgiram números sobre peso aqui e acolá, cálculos, tabelas e escalonamento dos volumes nos registros mais banais.

Há vários registros de médicos, com cálculos e anotações sucessivas sobre peso de corpos, de alimentos, dos dejetos. Vigarello afirma que, apesar da prática de aferição, o peso ainda não era uma avaliação significativa para a época; o objetivo não era emagrecimento ou uma avaliação da gordura. O cerne dessa prática estava numa visão da saúde. Era uma visão masculina e médica, que visava à funcionalidade. O que importava era o cuidado diário do corpo: o equilíbrio numerado entre ingestão e excreção. A palavra “obesidade”, então, estabeleceu-se. Um detalhe importante colocado pelo autor é que, além de a atenção à gordura ter sido maior nesse período, a maior invenção do Iluminismo nesse aspecto foi a estigmatização mais aguda aos “excessos”.

Uma nova percepção associada à gordura vai aparecer no século XVIII: a crítica social aos “abastados”. A gordura tem a ver com os “abastados”, aqueles que engordavam tirando o sustento das viúvas e dos órfãos, enquanto o povo perecia na miséria e na fome. O gordo não era mais um simples estúpido ou incapaz, mas, muitas vezes, um personagem “inútil” e “improdutivo”. Era uma crítica à impotência e à glotonaria. A gordura estava associada à apropriação, ao ganho, ao lucro. Um significado de cunho social e político. Eram críticas e sátiras ocupavam uma posição de poder: o rei e sua corte, os magistrados “empanturrados” e os coletores de impostos. Os estigmatizados nas canções eram os “glutões de marca maior”, além de improdutivos ou impotentes. O tipo de crítica seguia a cultura iluminista, muito letrada, que valorizava e exaltava o “progresso das ciências, dos costumes e do espírito humano” e que “questionava as antigas relações sociais”. O gordo encarnava aí a impotência e a insensibilidade, não passando de um veículo a direcionar as críticas.

A prática de atacar a figura do rei a partir de uma característica corporal era comum na época, e isso mostrava também relativa liberdade de crítica e de dessacralização da figura real naquele período. O rei era descrito como um “gordo animal”. As imagens do “porco” que vive apenas para a engorda, associado à impotência e à gordura, tornaram-se bastante marcantes naquele período. O porco era o símbolo do fracasso de todo o empreendimento monárquico, tanto aos olhos dos monarquistas quanto dos revolucionários. Para mudar essa imagem de falência e impotência, surgiu também um arsenal de receitas “antiobesidade”: variadas fórmulas e tônicos; estimulantes considerados fortificantes para eliminar os excessos; exercícios; consumo de carnes mais leves e de bom suco.

Outras medidas e nuances da gordura

No início do século XIX, uma nova forma de avaliar a gordura se instalou. Foi um período de supremacia dos números, não em relação ao peso, mas em relação às circunferências, aos volumes e aos contornos do corpo ligados ao olhar. Os cálculos estatísticos também ganharam força junto à relação peso-estatura. Era o início das faixas de normalidade, dos índices, das medianas, das gradações do corpo.

No entanto, a nova forma de avaliar a silhueta não estava apenas associada aos números. Foi também oriunda das exigências sociais que a Re-

volução Industrial teria causado nos códigos de aparência física. Viajantes e observadores daquele período relatavam um mundo mais confuso. As velhas “castas” teriam desaparecido, as antigas fronteiras se haviam apagado e as semelhanças se multiplicaram. Daí talvez um olhar mais exigente na tentativa de singularizar a aparência, categorizar, identificar fisionomias e atitudes, classificar em caixinhas.

Essa tendência mais descritiva penetra o estudo dos costumes, das gravuras e das ilustrações. O peso era expresso em frações, e as deformações eram detalhadas, polegada por polegada. Alusões à idade também eram comuns e se somavam aos autorretratos, que descreviam o espessamento adquirido com a maturidade. O que parecia estar em jogo era a progressão, o tempo convertido em morfologia. Era também, sem dúvida, o aumento imperceptível da duração da vida no meio do século XIX.

A “obesidade androide” de hoje era tida como a do burguês barrigudo. O personagem masculino com pernas de caniço e barriga desmedida tornou-se a representação “padrão” nos anos 1830-1840. Não era uma representação do “bolão corporal”, antes mencionada. Era apenas a de barriga, porém sem a conotação associada à ruína dos balofos monárquicos. Era a representação de uma adiposidade “comedida”. A barriga adquiriu gradações e categorias, inventadas pela primeira vez.

A forma redonda era mais ligada ao feminino. A invasão da gordura era acrescida de inatividade, “defeito” considerado tipicamente feminino. Ao contrário das mulheres, os homens podiam tolerar uma gordura “aceitável”, ainda que o ideal de cintura fina já fosse uma preocupação nunca vista até então.

De forma um pouco contraditória, cresceram as sátiras que zombavam do ventre abaulado de algumas autoridades. Largamente marcante nas gravuras e nos periódicos dos anos 1830-1840, o perfil que fazia da barriga símbolo do poder era também passível de provocar ironia, e o que era considerado a imagem de afirmação da burguesia tornou-se um sinal de fraqueza. A insistência em ironizar a barriga do burguês sugeria não apenas uma crítica às disparidades ou uma rejeição aos abusos e ao lucro, mas também visava ao íntimo, ao interior das pessoas: era uma denúncia das promessas não cumpridas, ou melhor, uma crítica da ascendência que se tornara vaidade.

Uma nova precisão sobre a gordura se estabeleceu: a avaliação morfológica. O olhar instrumentalizou-se em esforços para se calcularem o perímetro dos membros e a densidade da gordura. Pela primeira vez, a análise química

ligava a gordura à insuficiência da combustão. Era um olhar bioquímico sobre a gordura. Associada a isso, havia a contenção alimentar, com a condenação de alimentos aparentemente “inocentes”, como o açúcar e as féculas. Havia vigilância sobre o rendimento calórico do corpo e suas falhas.

Uma ilustração de 1884 revelava uma amazona aparentemente pesada sendo içada sobre uma montaria. A imagem transmitia uma situação desconfortável: o carregador parecia penar para fazer o corpo flutuar. O texto dizia: “Uma das mil razões pelas quais as mulheres acima de 50 kg devam renunciar à equitação”. Uma alusão irônica. Porém, a indicação do peso como problema começava a ser um hábito comum. O tema banalizou-se, penetrou os espíritos e impôs-se como visão implícita e segura. Outras práticas geraram também distinções de maneira nunca antes vista. Os corpos desnudaram-se com mais frequência, o que iria aumentar a vigilância sobre a obesidade: do lazer à intimidade, da moda ao comportamento. A gordura começava a ser denunciada de modo mais precoce, designando, de pronto, o desagradável ou o feio. A pressão sobre o gordo aumentou.

Havia, sobretudo, intensificação da magreza, em especial sobre a mulher. Os periódicos da moda expressavam alarme e temor ao corpo mais gordo: “Engordar? Esse é o medo de toda mulher”. E a palavra das modistas associava, mais que nunca, juventude e magreza, jurando, sistematicamente, o poder emagrecedor de seus vestidos e boleros. As alusões a corpetes “abertos” ou “fechados” ocupavam os romances e telas. A lenta ascensão ao prazer nos banhos de mar durante as temporadas na praia revelava uma brusca mudança cultural do final do século. Trajes mais despojados criavam a sensação de corpos mais expostos. Os olhares mais “livres” também revelavam as “deformidades”. As linhas e os contornos diversificavam-se, provocando surpresa e rejeição.

Outro cenário igualmente novo era sobre a possibilidade de observação íntima do corpo diante de um espelho. Não mais o espelho oval, das penteadeiras, mas aquele de um móvel vertical que refletia corpos e objetos do assoalho ao teto. Várias foram as inovações técnicas que possibilitaram o barateamento na produção dos espelhos e a consequente popularização do objeto. Com isso, surgiram atenções que antes não existiam. Um olhar mais detalhado sobre o próprio corpo inteiro e de perfil, a percepção de mudanças discretas em partes do corpo mais localizadas.

Uma mudança também surgiu nas últimas décadas do século XIX: a revolução nos vestidos, o encurtamento das medidas tradicionais, deixando à

mostra as pernas, e o bufante dando lugar ao reto. As silhuetas mais sinuosas das roupas mostravam o que antes estava oculto por tecidos e cortes. Em cena, um corpo feminino mais disponível, ágil, embora ainda encerrado pelo corpete.

Corpos e carnes caídas tornaram-se objeto de zombaria pelos ilustradores da época. O ridículo das então chamadas “gordas senhoras” estava na ordem do dia. As novas formas de prazer deixavam transparecer o que era chamado de “monstruosidade”. Daí o aumento das pressões pelo emagrecimento. Enfim, com a vigilância de indicadores e médias, definitivamente a estética dominava a cultura do final do século XIX. O alerta tinha como alvo prioritário a feiura, que era sempre acompanhada pela figura de um gordo.

A publicidade foi um importante elemento para a difusão das práticas de emagrecimento associadas ao mercado. A fórmula era bem simples: “Pílulas persas para emagrecer, fortalecendo a saúde; dois meses de tratamento para fazer desaparecer todo excesso de gordura nos dois sexos”. E os médicos tinham geralmente seu nome associado ao produto, o que garantia notabilidade, ao contrário das antigas fórmulas milagrosas: as “pílulas do Doutor Blyn’s”; o “chá hindu do Doutor Smith” etc. Os objetos também variavam: pílulas, poções, banhos, cintas e corpetes.

Ainda segundo Vigarello, uma mudança essencial e totalmente decisiva teve lugar na década de 1920, resultante não de um saber, mas de costumes: a transformação da condição feminina sugeria uma nova magreza, eliminando mais ainda referências mamárias e rechonchudas; um novo imaginário tecnológico sugere, além disso, mais fluidez e nervosidade, acentuando o que era ágil e esbelto. A aparência “atléctica”, de linhas sólidas, era pela primeira vez considerada “normalidade”. O corpo, nos anos 1920, era mencionado com um elemento que antes não tinha lugar: os músculos. A tonicidade se sobrepôs à estática; o movimento, às curvas. Esse corpo deveria ressaltar uma “reta flexibilidade”, um “aspecto serpentino”. E o músculo desempenhava seu papel devidamente visado e “enobrecido”. Por fim, o corpo daquele tempo simplesmente perfila com a imagem do corpo de hoje.

Aspectos da gordura contemporânea

No contexto cultural de tom ocidental atual, o ideal estético do corpo está associado a um corpo-produto que atende às exigências do mercado e que é fruto de uma produção simbólica com enorme plasticidade, capaz de

ser transformado de acordo com o desejo do consumidor. Um produto que cada vez mais vem sendo transformado em objeto de desejo imerso no universo do consumo, tal como uma calça jeans ou um carro. Um objeto passível de customização, encaixado na individualização em série, capaz de atender ao interesse do consumidor que compra um kit personalizado numa linha de montagem predeterminada pelo mercado (Ferreira, 2011).

Tal como nas imagens publicitárias, o corpo precisaria ser belo e perfeito, de acordo com as exigências do mundo da moda, por exemplo. A beleza traduz um ideal socialmente construído e manipulado, e a construção da personalidade se daria a partir da imagem, como se ela fosse a fonte principal de referência desse processo. O controle da aparência torna-se a principal moeda no mercado profissional e sexual, ampliando a possibilidade de ascensão social. A imagem do corpo é cada vez mais a marca da individualidade. Segundo Ferreira (2011), a discussão sobre o corpo deve levar em consideração seus significados dentro da cultura e a forma como ele está condicionado aos padrões estéticos da sociedade. O corpo materializa a relação entre sujeito e sociedade, refletindo o diálogo entre o biológico e o simbólico na construção da subjetividade. Além disso, os processos de subjetivação são construídos numa relação direta com o corpo. O autor também considera que estudos isolados nos campos da Sociologia, Psicologia, Psicanálise e Antropologia não dariam conta de entender e/ou explicar a complexidade dessa produção de sentidos sobre o corpo.

O corpo feminino estigmatizado

Para ampliarmos nosso entendimento sobre um dos aspectos da gordura na sociedade atual, acessamos o conceito de estigma tal como Erving Goffman (1988) definiu em sua obra *Estigma: notas sobre a manipulação deteriorada*. O termo *estigma* foi usado em referência a um processo que tende a desvalorizar um indivíduo considerado “anormal” e “desviante”. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem; portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. Uma vez atribuído, esse carimbo justifica uma sequência de discriminações e exclusões sociais, de maior ou menor severidade.

A sociedade é quem estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Além disso, é o ambiente social que estabelece a pro-

bilidade de encontrar essas categorias em tais ambientes. Goffman descreve três tipos de estigma nitidamente distintos entre si.

No primeiro, há as abominações do corpo: as várias deformidades físicas.

No segundo, a culpa assume caráter individual, sendo percebida como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, como vício, prisão, alcoolismo, desemprego ou tentativa de suicídio.

O terceiro tipo abarca os estigmas tribais de raça, nação e religião.

Em todos os tipos citados, encontram-se características sociológicas semelhantes: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que chama a atenção e que pode sobrepor-se ao sujeito e afastá-lo daqueles que ele encontra. Por outro lado, o estigmatizado se fecha num círculo vicioso quando acha normal o julgamento feito pelos outros e acaba por aceitá-lo. Nesse processo, há uma depreciação pessoal, seguida de alteração da autoimagem, que faz com que o indivíduo considere legítimos os tratamentos e os preconceitos dos quais é vítima. Para Poulain (2013), a estigmatização não se reduz a um simples olhar crítico a uma pessoa; é um processo de interações que desmerecem um indivíduo e tendem a transformar a vítima em culpado.

Na literatura sobre estigma e gordura, Cahman (1968) e Allon (1981) relatam a constante desvalorização, a marginalização e a exclusão do obeso na sociedade contemporânea. Para esses autores, tal processo de estigmatização estaria presente desde a simples compra de um passagem de avião ou de um ingresso para o cinema até a força de um olhar estético sobre o corpo gordo. Puhl e Brownell (2001) problematizam a estigmatização da obesidade, que estaria baseada num sistema de crenças e representações que tornam a gordura corporal reflexo das qualidades morais do indivíduo. “Ele é assim porque come demais. Se come demais, é porque não se controla. Se não se controla, é possível confiar nele?” O raciocínio aqui vai de uma característica física ao julgamento moral do indivíduo. “O obeso é um ser sem vontade própria”, “Ele não é mais do que um glutão antissocial” etc. Subjetivamente, esses julgamentos refletiriam crenças do tipo: “Os indivíduos só têm o que merecem e merecem o que têm”.

Para Sobral (1989), a estigmatização da obesidade seria a última forma de preconceito socialmente aceitável, já que os gordos permaneceriam como o único grupo social que pode ser discriminado com plena impunidade.

Para Poulain (2013), segundo essa lógica de pensamento, é possível considerar que “os comportamentos individuais são controláveis”, que a “condição do obeso é reversível” e que, “se um indivíduo obeso realmente quiser, poderá perder peso”. E é nesse universo de ideias que a estigmatização se enraíza. Para o autor, não trata de compreender a estigmatização como um processo de compaixão; trata-se, simplesmente, da não redução da pessoa a aspectos negativos da característica estigmatizada.

Considerações finais

A comida desempenha diferentes papéis no jogo social, e os sentidos criados a partir da alimentação saudável também participam das estratégias de biopoder ao colocar o alimento como uma etapa da construção do corpo perfeito. O discurso da medicina estética invade o campo da saúde e transforma beleza, magreza e juventude em sintomas de saúde. Nesse contexto, só é saudável quem reúne essas características e se alimenta de forma pragmática e funcional para construir o corpo perfeito. A comida é medicalizada e até mesmo a comida do cotidiano é controlada, mensurada, com suas calorias contabilizadas e seus nutrientes ressaltados, e o sentido principal do alimento passa a ser sua função e eficácia no processo de construção do corpo ideal.

Agora, já não é mais o Estado controlando o sujeito com suas biopolíticas, mas o próprio sujeito que se responsabiliza, procede ao autocontrole e se coloca num estado de eterna vigilância. Com isso, as estratégias do biopoder se disseminam, se banalizam e naturalizam, tornando o próprio sujeito responsável pelo controle de sua saúde e, em consequência, culpado pelos problemas da saúde pública (Kraemer, 2014). A norma é internalizada, naturalizada e reproduzida sem nenhuma crítica ao processo, inclusive pela ampla maioria dos profissionais de saúde e, em particular, no caso da obesidade, da nutrição.

Esse processo de estetização da saúde, que transforma parâmetros estéticos em características desejáveis do que seria considerável saudável ou adequado, segue produzindo a valorização excessiva dos cuidados com o corpo, a aparência e os hábitos alimentares, ampliando a preocupação com os valores da aparência no cotidiano (Ferreira, 2011). O imperativo “Quem cuida da saúde é magro” passa a ter a legitimidade de um discurso científico. A magreza passa a ser vista como símbolo de competência, sucesso, força de vontade e controle da impulsividade e da compulsão alimentar. O corpo magro se

torna o principal referencial de beleza e o parâmetro de uma vida saudável, possibilitando maior inserção no mundo do trabalho e no mercado sexual, ampliando, inclusive, as chances de ascensão social. Como seu oposto, tem-se o corpo gordo, que é desvalorizado e estigmatizado.

Considerando a complexidade que permeia a teia de sentidos e significados do universo da gordura, cabe destacar alguns elementos que consideramos relevantes para finalização deste texto.

Em primeiro lugar, ressaltamos que o interesse pelo tema *gordura corporal* surgiu a partir da prática profissional de uma das autoras na clínica em nutrição, atuando com mulheres em conflito de imagem corporal e peso. A partir dessa experiência, foi possível perceber que esses conflitos estão presentes entre diversas usuárias do serviço, por meio do desejo manifesto de emagrecer como única opção de vida e de se tornar linda e “magra para sempre”. Entre elas, ainda prevalece o discurso de que, para estar bem consigo, é preciso transformar o corpo atual e real num corpo ideal veiculado na *televisão*. Mesmo que a intenção em reafirmar o próprio corpo exista, a inveja por não ter um corpo como o das modelos, atrizes e personagens femininos dos programas de televisão é o que prevalece no discurso.

A prática profissional como nutricionista atuando com pessoas com transtorno alimentar e obesidade possibilitou que se conhecesse a obsessão por um corpo magro, sem gordura. Um corpo modelo, que caiba num biquíni de lacinho, por exemplo. Um corpo que atenda aos interesses da imagem de um corpo do mercado. Um corpo que seja hiperestilizado e midiático. Um corpo que sabe que não pode ser gordo, feio ou pobre. Os vestígios da pobreza, da feiúra e da gordura produzem estigmas que, quando encontrados na mesma pessoa, produzem efeitos devastadores. E ter um corpo considerado obeso ou gordo é estar estacionado e ser odiado, estigmatizado e olhado com desprezo a todo instante.

Mas como sair dessa encruzilhada se os próprios profissionais de saúde reproduzem tal processo de estigmatização e olham para o corpo gordo (principalmente o feminino) com preconceito?

Referências

- ALLON, N. "The Stigma of overweight in every life". In POULAIN, J. P. *Sociologia da obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.
- ALVARENGA, M. *Nutrição e transtornos alimentares*. Barueri: Manole, 2011.
- BOURDIEU, P. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2006.
- . *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- CAHNMAN, W. J. *The stygma of obesity*. S.l.: Sociological Quartely, 1968.
- CONTRERAS, J. e GRACIA, M. *Alimentação, sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- FERREIRA, F. R. *Ciência, arte e cultura no corpo*. Curitiba: CRV, 2011.
- FISCHLER, C. *L'omnivore*. Paris: Odile Jacob, 2001.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- KRAEMER, F. B. et al. "O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder". *Revista Physis* (impresso), v. 24, 2014, pp. 1.337-60.
- LUZ, Madel. *Natural, racional, social*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- POULAIN, J. P. *Sociologia da obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.
- SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SOBRAL, A. S. "Socioeconomic status and obesity: a review of the literature". *Psychological Bulletin*, 1989.
- VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo: historia da obesidade: da Idade Média ao século XX*. Petrópolis: Vozes, 2012.